

NIETZSCHE E LEO STRAUSS: PERSPECTIVISMO MORAL E PENSAMENTO POLÍTICO*

[Nietzsche and Leo Strauss: moral perspectivism and political thought]

Elvis de Oliveira Mendes¹

Resumo: O presente artigo tem como propósito mostrar que, na interpretação do filósofo político teuto americano Leo Strauss, o perspectivismo nietzschiano é uma concepção filosófica complexa, que atua em duas dimensões diferenciadas. Por um lado, o perspectivismo de Nietzsche aparece como a elaboração de uma visão relativista e iconoclasta da moralidade, que propugna a ideia de que todas as “verdades” morais e metafísicas são meras “interpretações” ou criações humanas, cujo significado é, pois, historicamente condicionado, por outro lado, esse mesmo perspectivismo pretende ser a descoberta de uma verdade que transcende todas as “verdades” históricas, vale dizer, a descoberta de uma verdade inumana, que, situada para além do bem e do mal, ultrapassa todas as verdades forjadas pelo pensamento humano. Para Strauss, tal verdade, tem a ver com a descoberta do caráter absurdo, imoral e irracional da existência – uma descoberta terrível, letal e devastadora, cuja visão é insuportável para os homens. Diante desses elementos, o pensamento nietzschiano teria sido conduzido à ideia de que as verdades morais, apesar de fictícias, são necessárias ao homem, na medida em que elas são responsáveis pela manutenção de uma atmosfera protetora da existência, sem a qual a vida em sociedade seria insustentável.

Palavras-chaves: Verdade; Moral; Perspectivismo; Strauss; Nietzsche

Abstract: The present article has the purpose to show that, in interpreting of the Teutonic American political philosopher Leo Strauss, Nietzsche's perspectivism is a complex philosophical concept, which operates in two different dimensions. At first, the Nietzschean perspectivism appears to us as the development of a relativistic and iconoclastic view of morals and metaphysical “truths” are mere “interpretations” or human creations, whose significance is thus historically conditioned, on the other hand, this same perspectivism aims to be the discovery of a truth that transcends all historical “truths”, that is, the discovery of an inhuman fact, that located beyond good and evil, beyond all truths forged by human thought. In straussian's perspective, such truth in Nietzsche, has to do with the discovery of the absurd, immoral and irrational character of existence - a terrible discovery, lethal and devastating,

* Um esboço deste texto foi apresentado na forma de comunicação no II Congresso Internacional Nietzsche e a Tradição Filosófica – Nietzsche e as Tradições Morais, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em Belo Horizonte em 2014, e uma versão resumida deste artigo foi publicada em 2015 pela *Lampejo*, revista de filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

¹ Prof. de Filosofia no Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA) e mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Meus agradecimentos pela orientação e revisão deste texto, ao Prof. Dr. Richard Romeiro Oliveira (UFSJ).

whose vision is unbearable for men. For Strauss, based on these factors and taking into account the terrible and deadly character of truth, Nietzsche's thought would have been led to the idea that moral truths, though fictitious, are necessary to man, in that they are responsible for maintaining a protective atmosphere of existence, without which social life would not be possible.

Keywords: Truth, Morality; Perspectivism; Strauss; Nietzsche

Considerações Iniciais²

Não há nada de novo no que diz respeito ao caráter dúbio, ambivalente, e muitas vezes contraditório do pensamento filosófico de Friedrich Nietzsche em seus vários desdobramentos, a saber; as reflexões desenvolvidas pelo filósofo alemão do século XIX possuem indubitavelmente nuances complexos. No tocante o que corrobora muitas vezes com múltiplas possibilidades interpretativas, assim como múltiplos olhares e perspectivas. Diante disso, as várias interpretações possíveis do pensamento de Nietzsche são quase sempre divergentes e controversas entre seus principais e mais célebres intérpretes.

Porém, por outro lado, o que deve nos servir de fio condutor na presente análise é o fato de que mesmo constatado o caráter eminentemente dúbio e complexo do pensamento de Nietzsche, muitos insistem na defesa ou em um reducionismo de seu pensamento e alimentam em alguns casos de forma ideológica e tendenciosa uma figura de um Nietzsche iconoclasta, destruidor, imoral e relativista. De fato, essa configuração está presente em algumas obras do filósofo e é verdadeira, mas de maneira alguma é exclusiva, ou a única possibilidade de interpretação como muitos leitores apressados, menos atentos ou até mal-intencionados *en passant* a fizeram. Nesse sentido, a figura de Nietzsche, por assim dizer se tornou em considerável medida uma caricatura de certo tipo de visão.

Entretanto, é importante esclarecermos neste breve comentário, que o olhar esboçado aqui será o de ver toda já citada contradição constatada no *corpus* intelectual nietzschiano, não como um aspecto negativo, antifilosófico ou irracionalista. Não, definitivamente, não se trata disso, mas do contrário, o esforço exercido aqui será para enxergar mais adequadamente o caráter multifacetado do pensamento de Nietzsche como um aspecto fundamental e que

² O objetivo precípua e basilar das considerações iniciais neste artigo é o de levantar alguns elementos fundamentais que situem o leitor no atual debate no que se refere às interpretações acerca do pensamento político de Nietzsche e que serão imprescindíveis para uma compreensão mais adequada da concepção straussiana do conceito de perspectivismo moral em Nietzsche, para tanto, serão introduzidos mesmo que de forma breve, aspectos importantes referentes à relação entre esses dois filósofos contemporâneos.

revela a magnitude e grandiosidade do teor filosófico da obra deste autor e sua relevância fundante na inauguração daquilo que conhecemos por filosofia do século XX.

Diante disso, a pretensão aqui é a de mostrar que a filosofia de Nietzsche foi profundamente influenciada pela cultura, pelos problemas e impasses característicos da *zeitgeist* no qual este filósofo estava imerso. E sendo o pensamento filosófico de Nietzsche influenciado pela cultura, pelos problemas e impasses característicos da sociedade de seu tempo, parece inevitável concluir que Nietzsche lidava diretamente com problemas políticos, ou melhor, que travava confrontos diretos com problemas de natureza política, assim como, culturais. No entanto, por outro lado, a tradição interpretativa do *corpus* intelectual nietzschiano notoriamente inclinou-se a negligenciar ou até ignorar tais aspectos.

Ora é sabido que Nietzsche não possui de fato, um tratado político, nenhuma obra que trate do tema da política *stricto sensu* de forma sistemática ou conclusiva. Porém, diante de um olhar mais cuidadoso perceberemos que “a política no pensamento de Nietzsche é certamente um campo no qual ele trava os seus principais combates”.³ Sendo assim, afinal, de que forma “poderíamos pensar na vontade de poder, na transvaloração de todos os valores, no super-homem, na necessidade da dominação e da guerra por exemplo, sem fazer referência à dimensão política?”⁴ Essa constatação de fato rendeu nas últimas décadas uma vasta produção intelectual acerca do tema da política em Nietzsche mas, é inegável que “permanece o problema, no entanto, de que seu contundente pensamento político continua a embaraçar alguns e a confundir muitos. O exame da dimensão política do pensamento de Nietzsche, ainda constitui os aspectos mais polêmicos e controversos dos estudos nietzschianos”⁵

Nesse sentido, Leo Strauss (1899-1973), filósofo alemão do século XX, radicado nos EUA, é um dos primeiros a levar a cabo uma reflexão dos aspectos políticos do pensamento de Nietzsche e, desta forma, influenciar uma geração de intérpretes e estudiosos deste pensador em países como Estados Unidos, Canadá e Inglaterra após a segunda guerra mundial. Strauss é um alemão judeu que fugiu de sua terra natal para sobreviver da ascensão do nacional socialismo na Alemanha e da austera perseguição aos judeus, assim como do cerceamento das liberdades em quase todo continente europeu, seja sob a influência do nazi-

³ (Texto de Apresentação) NIETZSCHE, F. *Escritos sobre política / Friedrich Nietzsche*; organização, tradução, apresentação e notas Noéli Correia de Melo Sobrinho. – Rio de Janeiro: Ed. Puc – Rio; São Paulo: Loyola, 2007, p. 8.

⁴ *Ibidem*, p. 8

⁵ ANSELL PEARSON, K. *Nietzsche como pensador político: uma introdução*, Tradução de Mauro Gama/Claudia Martinelli, Consultoria de Fernando Salis, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1997. P. 18.

fascismo ou do comunismo soviético. Strauss, ao chegar aos EUA ainda no fim da década de trinta, pôde dar continuidade a seus estudos sobre filosofia política e, evidentemente, sobre os aspectos políticos do pensamento de Nietzsche, filósofo este que Strauss assumia possuir grande admiração desde a juventude em seus estudos secundários ainda na Alemanha.⁶

De fato, Strauss nunca escondeu seu fascínio pelo pensamento de Nietzsche, igualmente à sua defesa ao plano político clássico,⁷ e talvez por conta do segundo, tenha se tornado um crítico de certos aspectos do pensamento de Nietzsche. Sobretudo, crítico de certo tipo de interpretação, pois na visão de Strauss, o incrível talento literário e o apaixonante e encantador estilo de escrita de Nietzsche geraram, por assim dizer, apropriações e usos indevidos, o que ocasionou consequências indesejáveis e devastadoras.⁸ Neste contexto, Laurence Lampert⁹ afirma que a relação entre Nietzsche e Strauss é complexa e sutil e os motivos de tal confrontação e de como um admirador se torna crítico são as vezes um tanto obscuros, mas por outro lado fundamentais. Ora, não é à toa que Strauss, no fim de sua vida, dedicou seus últimos esforços à escrita de um cuidadoso e denso ensaio de interpretação de *Além do bem e mal* intitulado “Note on the plan of Nietzsche’s *Beyond the Good and Evil*”¹⁰ (Notas sobre o plano de *Além do Bem e do Mal* de Nietzsche) no qual Strauss tenta mostrar que estaria no cerne desta obra um suposto plano político de Nietzsche.

79

Diante disso, Strauss se tornou um dos mentores de uma postura interpretativa do pensamento de Nietzsche, a qual tenta resgatar em meio aos escombros um caráter mais sóbrio, propositivo e em certo sentido ético do filósofo. Nele, por via de uma reflexão sistemática do fragmentado pensamento político de Nietzsche, Strauss faz um convite a um mergulho em um rio caudaloso de águas turvas e de perigosas possibilidades. De fato, essa atitude corajosa do professor de Chicago desvela um cenário de novas possibilidades de

⁶ Cf. BLOOM, A. “Leo Strauss: September 20, 1889 – October 18, 1973”. *Political Theory* v. 2, no. 4 (1974), p. 372-392.

⁷ Leo Strauss to Karl Löwith, 23 June 1935, in —Correspondence of Karl Löwith and Leo Strauss, trans. George Elliot Tucker, *Independent Journal of Philosophy* 5/6 (1988): 182–83.

⁸ Ler sobre isso; STRAUSS, Leo, *Liberal Education and Responsibility*, In *Liberalism Ancient and Modern* / Leo Strauss; foreword by Allan Bloom. University of Chicago Press Edition 1995, pp. 9 – 25.

⁹ Ler sobre isso: LAMPERT, Laurence, *Leo Strauss and Nietzsche* (Chicago: University of Chicago Press, 1996).

¹⁰ Strauss já no princípio desta análise demonstra um fascínio pessoal por esta obra, afirmando de forma categórica que “*Além do Bem e do Mal* sempre lhe pareceu ser o livro mais bonito de Nietzsche” o que de fato, contradiz a opinião do próprio Nietzsche em suas declarações dadas no *Ecce Homo* acerca da profundidade de seu Zarathustra. Cf. STRAUSS, L. ‘Note on the Plan of *Nietzsche’s Beyond Good and Evil*. In, *Studies in Platonic Political Philosophy*. With an Introduction by Thomas Pangle. Chicago: The University of Chicago Press, 1983, p. 174.

interpretação de conceitos que são caros ao pensamento filosófico de Nietzsche,¹¹ como será observado no decorrer deste ensaio.

Nietzsche e o Caráter Perspectivo das Verdades Morais

Ao analisar a obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, percebe-se que um tema que parece intrigá-lo profundamente é o problema da moral. Assim sendo, a reflexão acerca deste tema o instigou a dedicar uma significativa e fecunda parte de sua produção filosófica ao questionamento radical da moralidade.¹² Com efeito, Nietzsche se debruça diante de um grave problema presente em toda história da filosofia, que está fortemente ligado à questão do estatuto da moral e conseqüentemente da verdade. Neste contexto, o filósofo observou a fragilidade das verdades históricas, verificando que na realidade “não há fatos, apenas interpretações”¹³. Em outras palavras, Nietzsche observou o caráter fundamentalmente histórico das “verdades” morais e metafísicas e, tendo isto observado, constatou a dependência essencial de tais verdades em relação aos modos humanos de ver as coisas. Portanto, Nietzsche constata que a moral nada mais é do que o fruto das avaliações humanas, e desta forma, algo que varia de acordo com as necessidades de cada tempo e de cada sociedade. Isto é, as verdades sempre partem de algum ponto de vista. Em outras palavras, essas verdades partem de alguma perspectiva, resultante da capacidade criativa do ser humano. De fato, para Nietzsche nós somos responsáveis por tais atribuições morais que tornam a vida possível, como podemos observar por meio da seguinte afirmação:

Nós, nós somente, inventamos as causas, as sucessões, a relatividade, a necessidade, o número, a lei, a liberdade, o motivo, o fim; e se misturamos às coisas reais este mundo de signos como “em si”, continuamos fazendo mitologia; como sempre fizemos. A vontade determinada é mitologia; na vida real existem apenas vontades débeis.¹⁴

Por essa via, Nietzsche “reduz” o sujeito ao horizonte das possibilidades morais, nas quais, nesse sentido, todos os valores podem ser questionados, negados e assim transformados

¹¹ Novas possibilidades no contexto do mundo pós-segunda guerra, de fato, neste período havia certo receio e embaraço na análise do pensamento político de Nietzsche por conta de suas apropriações (mesmo que equivocadas e oportunistas) por parte do Nacional Socialismo Alemão ainda na década de 1930 que deram vazão à legitimação de discursos de caráter eugênicos e antisemitas.

¹² Nietzsche, na verdade, considerava-se como o primeiro filósofo do Ocidente a encarar realmente a moral como um “problema”. Antes de sua obra, julgava ele, os filósofos se limitaram a tentar “justificar” a moral e, por aí, se empenharam sempre em buscar a sua melhor fundamentação. Ver o que ele diz em JGB/BM (Trad. Paulo César de Souza), p. 75.

¹³ NIETZSCHE, F. FP 12: 7[60], Outono 1885 – outono 1887 Manuscrito publicado postumamente de 1880 estabelece repetidamente que “não há fatos, somente interpretações”. (Fragmentos Póstumos)

¹⁴ JGB/BM (Trad. Mário Ferreira dos Santos), p. 33.

(transvalorados), por serem temporais e evidentemente passageiros. A partir da máxima de que “não há fatos eternos, assim como não há verdades absolutas”,¹⁵ percebe-se que o perspectivismo nietzschiano rejeita totalmente a possibilidade de uma verdade ligada à realidade independente da ação humana. Portanto, Nietzsche não considera que as verdades a que o pensamento humano visa sejam entidades objetivas e autossubsistentes, independentes desse pensamento. Sendo assim, ele exerce fortes críticas à história da filosofia, pois, a seu ver, a partir de Sócrates, o amor e a crença na verdade, entendida como algo de racional, inteligível e benéfico ao ser humano, teriam levado o homem a uma racionalidade ingênua e incapaz de reconhecer o aspecto mais terrível da existência.¹⁶ Para Nietzsche, daí efetivou-se uma filosofia do engano. Isso, por sua vez, traria consequências terríveis para a humanidade.

Essa razão alcançou seu apogeu com o advento da modernidade e com ela a crença no mito do progresso, legitimado com a revolução científica de Copérnico a Newton, do pensamento cartesiano à ética racionalista kantiana. Por sua vez, o projeto iluminista prometia livrar o homem da ignorância e dos misticismos. Diante disto, ao observar os acontecimentos históricos, Nietzsche suspeita do plano moderno e percebe que o que foi característico em todos os momentos da existência humana é a vontade de potência, a fluidez, e as transformações dos valores e das verdades. O que, neste mesmo contexto, faz com que a moralidade seja sempre algo vulnerável às interpretações, portanto mutável. No entanto, logo em seguida outros valores já são estabelecidos, já que de fato, as verdades morais são um freio às vicissitudes e permissividades da natureza humana. Ora, para Nietzsche tudo é relativo e todas as verdades são produtos da criatividade humana. Por conseguinte, sempre que um valor não serve mais, logo em seguida outros valores são criados e esses mecanismos morais são imprescindíveis para a manutenção da vida social. De fato, o que faz da moralidade a mais apropriada de todas as regras para orientar a humanidade.

Constatado o perspectivismo no pensamento filosófico nietzschiano acerca da moral, é importante explicar que o termo “perspectivismo” é utilizado de forma analógica em consonância com o relativismo moral preconizado por Nietzsche. Este termo se refere à forma como se concebe o “valor” e está presente desde as primeiras obras do filósofo, mas só aparece de forma explícita a partir de 1882, em *A Gaia Ciência*. Entretanto, o perspectivismo

¹⁵ MA I/HHI (Trad. de Paulo César de Souza).

¹⁶ Com efeito, percebe-se em “*O Nascimento da Tragédia*” mais precisamente nos parágrafos 12,13 e 14, onde Nietzsche apresenta Sócrates como o homem antimístico e anti-trágico por excelência, i. e., como o racionalista otimista que crê poder com a razão não somente chegar ao âmago do ser, mas também corrigir o ser.

é uma expressão tomada de empréstimo das artes visuais que, em seu sentido contemporâneo, expressa multiplicidade e pluralidade de olhares, um rompimento com os perspectivismos clássico, medieval e moderno. Dessa maneira, essa analogia concerne à forma de construção dos valores e das verdades (moralidade).

Em outras palavras, seguindo ainda a mesma analogia, o que possuía uma forma linear e matematizada, a partir da era contemporânea foi superado pela multiplicidade de pontos de vista, como já fora citado anteriormente. Diante disso, o que Nietzsche assinala é o momento de desestabilização dos valores e das verdades e conseqüentemente da moral. Por outros termos, o momento em que o homem descobre o caráter histórico de toda moralidade e, por aí, o fato de que todos os valores são humanos e de que não há nenhum Deus para garanti-los. Para Nietzsche, o que está em jogo aqui é o advento da morte de Deus, isto é, o fato de não existir nenhuma verdade, nenhum caminho e nenhum norte a ser seguido. Daqui, o pensador desvela a face trágica e totalmente sem sentido da existência humana, a qual por assim dizer gera um niilismo radical sem precedentes, que atinge sua expressão mais radical no seio da contemporaneidade.¹⁷

Contudo, o perspectivismo nesse contexto é também visto como uma suposta teoria do conhecimento de Nietzsche, embora não saibamos se Nietzsche realmente pretendia pensar nisto como teoria epistemológica. No entanto, estas questões estão intrinsecamente ligadas, e o que aparece de forma clara e contundente em seus escritos, é que para ele tudo é perspectiva, já que as verdades são construções humanas, portanto antropomórficas. Por assim se apresentar, o perspectivismo nietzschiano para a grande maioria das interpretações acerca deste conceito, se trata de um perspectivismo absoluto, presente de forma patente e inequívoca no pensamento moral de Nietzsche, o que de fato corrobora de forma radical com a caricatura de um Nietzsche relativista, iconoclasta e niilista.

Leo Strauss e o “Nietzsche Político”

No entanto, no século XX vários intérpretes do pensamento de Nietzsche se opõem a essa visão, entre eles o filósofo político teuto americano Leo Strauss, que se contrapõe completamente a essa interpretação absolutizante do perspectivismo nietzschiano. Neste sentido, Leo Strauss faz uma análise da obra “*Além do bem e do mal*”, onde, segundo ele,

¹⁷ Isto pode ser percebido no parágrafo 343 de *A Gaia Ciência*, em que Nietzsche descreve de forma dramática o impacto da morte de Deus sobre a existência humana.

Nietzsche elabora um tratado político e moral.¹⁸ Assim, dessa maneira, para Strauss, em *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche pretende não apenas compor um tratado político, mas desenvolver um projeto mais ambicioso, qual seja: lançar as bases para o que ele chama de “filosofia do futuro”, fatora de uma nova e inaudita moralidade, capaz de consumir e superar o niilismo e inspirada por uma religiosidade não-teística. O tema fundamental de *Além do bem e do mal* seria, pois, segundo Strauss, essa nova filosofia.

Esquemmatizando a leitura straussiana, poderíamos dizer que, para ela, Nietzsche, na obra em questão, visaria realizar o projeto mencionado mediante o desenvolvimento de três procedimentos fundamentais, a saber: a crítica radical e implacável dos preconceitos dos filósofos, a qual desmascara o caráter humano e perspectivo de todas as verdades morais e metafísicas sobre as quais se apoiou o pensamento humano até então; a crítica da moralidade de rebanho, i. e., da moralidade cristã e cripto-cristã da compaixão, do amor ao próximo e do bem-estar de todos, que, segundo Nietzsche, com a morte de Deus, teria chegado ao seu esgotamento; a proclamação de uma nova moralidade, a qual será anti-igualitária, fundada no reconhecimento do perspectivismo ou da verdade de que todos os valores são criações da vontade humana e numa nova religiosidade ateia que diviniza a crueldade, o devir e a imanência. Nesse sentido, é percebido que “durante muito tempo, os comentadores de modo geral negligenciaram os aspectos políticos do pensamento nietzschiano”,¹⁹ como defende a comentadora brasileira Scarlett Marton; para ela, “dentre os vários fatores que contribuíram para tanto, há que se notar a necessidade que então se impunha de desqualificar os diferentes usos e apropriações políticas das ideias de Nietzsche”.²⁰ O que de fato é observado por Strauss e o mesmo pretende resgatar o que para ele é um elemento constitutivo do pensamento filosófico de Nietzsche.

Ainda por esta via, Scarlet Marton afirma que enquanto certos autores não aceitam que o pensamento nietzschiano possa apresentar uma dimensão política *stricto sensu*, outros sustentam, ao contrário, que Nietzsche é um pensador político, como se pode observar nas Teses de Keith Ansell Pearson, em *Nietzsche como pensador político*, de Dom Dombowsky, em *Nietzsche's Machiavellian Politics* e de Simone Goyard-Fabre em *Nietzsche et la question politique*. Leo Strauss, por sua vez, segue exatamente pela via dos pensadores que abraçam a

¹⁸ Cf. STRAUSS, L. Note on the Plan of Nietzsche's *Beyond Good and Evil*. In Idem, *Studies in Platonic Political Philosophy*. With an Introduction by Thomas Pangle. Chicago: The University of Chicago Press, 1983, p. 174-191.

¹⁹ MARTON, Scarlett, Nietzsche e a crítica da democracia. *Dissertatio* [33] 17 – 33 inverno de 2011 p. 17.

²⁰ *Ibidem*, p. 17.

interpretação deste Nietzsche preocupado com as coisas políticas, mesmo reconhecendo que o filósofo não possui uma teoria política acabada. Strauss analisa que se levássemos o relativismo nietzschiano até suas últimas consequências geráramos uma contradição ou uma visão paradoxal acerca do autor. Inequivocamente, o que está em jogo para Strauss é mostrar que Nietzsche tem um propósito maior, em denunciar a vulnerabilidade de todas as verdades e consequentemente de todas as possibilidades morais.

Segundo Strauss, trata-se de mostrar que o perspectivismo nietzschiano²¹ é ambíguo, pois se por um lado ele pretende evidenciar o fato que todas as verdades morais e relacionadas aos valores são perspectivas, por outro lado, é igualmente certo que, no âmbito desse perspectivismo, há “uma verdade de todas as verdades”, o que equivale a reconhecer o caráter “não relativo da verdade do relativismo”²² Ou seja, o caráter desumano ou não antropomórfico da verdade que apreende a natureza perspectiva de todo pensamento. Mais precisamente, o que Strauss mostra é que o perspectivismo de Nietzsche atua em dois planos: por um lado, ele desnuda o caráter relativo e interpretativo das verdades humanas; por outro lado, ele pretende ser um *insight* filosófico que apreende a “verdade de todas as verdades”, i. e., um *insight* filosófico que atinge a compreensão de que não há um texto por trás das interpretações, de que não há uma coisa em si e de que, portanto, o real é absurdo e irracional.²³

84

É o que observa a comentadora canadense Shadia Drury, em *The Political Ideas of Leo Strauss*. Segundo Drury, na visão de Strauss, o perspectivismo nietzschiano não é absoluto, pois isso seria paradoxal e mesmo incoerente, uma tese que, caso viesse a ser sustentada, destruiria a si mesma, no ato mesmo em que fosse afirmada. Na leitura straussiana, Nietzsche teria escapado dessa contradição ao distinguir os dois planos em que opera o perspectivismo, quais sejam: um plano antropomórfico, das verdades humanas, vinculadas ao mundo da ordem, da moral e da racionalidade, e um plano não antropomórfico,

²¹ Vale dizer que o que está em jogo para Strauss é que esse perspectivismo moral gerador de um certo relativismo moral na ótica de Strauss, não deve ser entendido aqui como um relativismo pueril e inócuo, como é comumente interpretado pelas leituras mais apressadas e menos atentas sobre o relativismo. Nesse sentido, para Strauss, o que se encontra em Nietzsche se trata de um relativismo fundamental e revelador de toda falta de sentido da vida e que na verdade nos alerta, portanto, da necessidade da criação de sentido e significado para o mundo e para a vida, sentido e significado que se mostram essenciais na manutenção do *establishment* social e da vida em sociedade.

²² “Rather than the relativization of all truths, we might say, Strauss’s Nietzsche elevates *the unrelativizable Truth of relativism*”. *Interpreting Nietzsche - Reception and Influence* Edited by Ashley Woodward - Chapter 9 Strauss’s Nietzsche, Mathew Sharpe and Daniel Townshend p. 138.

²³ STRAUSS, L. ‘Note on the Plan of Nietzsche’s *Beyond Good and Evil*, p. 176-177.

“para além do bem e do mal”, que, transcendendo tudo que é criado pelo homem, tem a ver com a apreensão da verdade cruel relacionada ao caráter perspectivo do pensamento humano. Na ótica de Strauss, Nietzsche teria várias vezes deixado claro o caráter perigoso e mesmo letal dessa última verdade para a vida humana. De fato, Strauss considera que, conforme a concepção proposta por Nietzsche, se todos indivíduos tiverem acesso a uma visão totalmente esclarecida, analítica e teórica da vida, a existência se tornaria um fardo pesado demais, portanto insustentável. Assim, tanto Nietzsche como Leo Strauss, reivindicam a necessidade de uma atmosfera protetora da vida, concepção que remonta ao platonismo e à sua ideia de uma “ilusão nobre”. Como Drury aponta na reflexão do próprio Leo Strauss nesta passagem presente na obra *Natural Right and History*:

Segundo Nietzsche, a análise teórica da vida humana que realiza a relatividade de todas as visões abrangentes e, portanto, desvaloriza-las tornaria a vida humana impossível, pois destruiria a atmosfera protetora dentro do qual a vida ou a cultura ou a ação se torna possível. (...) Para evitar o perigo para a vida, Nietzsche poderia escolher um de dois caminhos: ele poderia insistir no caráter estritamente esotérico da análise teórica da vida - isto é, restaurar a noção platônica da nobre ilusão - ou então ele poderia negar a possibilidade de teoria adequada e assim conceber o pensamento como essencialmente subserviente, ou dependentes, a vida ou o destino. Se não for o próprio Nietzsche, de qualquer forma seus sucessores adotaram a segunda alternativa.²⁴

85

Em *Além do bem e do mal* Nietzsche declara claramente a busca da verdade em si, como um ato extremamente perigoso à vida, como se pode observar nestes questionamentos propostos bem no início desta obra:

Supondo que queremos a verdade, por que não melhor a mentira? Ou a incerteza ou a própria ignorância? Apresentou-se ante nós o problema do valor da verdade, ou fomos nós em sua busca? Quem é de nós o Édipo? Quem é a Esfinge? Isto é um encontro de perguntas e pontos de interrogação. E contudo, quem o acreditaria! Parece-nos até que nunca foi proposto o problema, como se fossemos o primeiro a

²⁴ “According to Nietzsche, the theoretical analysis of human life that realizes the relativity of all comprehensive views and thus depreciates them would make human life impossible, for it would destroy the protecting atmosphere within which life or culture or action is alone possible. (...) To avert the danger to life, Nietzsche could choose one of two ways: he could insist on the strictly esoteric character of the theoretical analysis of life - that is, restore the Platonic notion of the noble delusion - or else he could deny the possibility of theory proper and so conceive of thought as essentially subservient to, or dependent on, life or fate. If not Nietzsche himself, at any rate his successors adopted the second alternative”. STRAUSS, Leo, *Natural Right and History*, The University of Chicago Press. All rights reserved. Published 1953. Fifth Impression 1965 - First, Phoenix Edition 1965. Printed in the USA, p. 26.

discerni-lo, a vê-lo, a afronta-lo. E há grande perigo em afronta-lo, e talvez seja o maior de todos os perigos.²⁵

Para Nietzsche, é inegável o fato de necessitarmos da proteção das verdades humanas, por que do contrário seria impossível se fixar modelos de vida, se estabelecer leis e logo estaria extinta qualquer possibilidade de vida em sociedade e da conservação da mesma. Portanto, por mais superficiais e falsos que sejam os valores morais, necessitamos deles para a manutenção da vida, tal como a conhecemos; sem isto, a vida não seria possível. Em suma, o que é apontado aqui pelo filósofo é a fragilidade do ser humano diante “da verdade de todas as verdades”. Essa percepção, segundo Strauss, teria levado Nietzsche à compreensão do caráter letal da verdade do perspectivismo, obrigando o filósofo, de certa forma, a reconsiderar a sabedoria antiga e a tradição platônica da “nobre mentira” como uma alternativa para a crise moderna dos valores ocidentais. Como Drury expõe:

O *insight* fundamental de Strauss na “crise” da modernidade é nietzschiano. Como Nietzsche, Strauss traça os males da modernidade para sua busca insaciável de verdade - sua imoderada, excessiva devoção e suicida por conhecimento. O conhecimento científico, por exemplo, nos ameaça de extinção; Ainda não estamos convencidos de que só mais conhecimento pode nos salvar. Tanto para Strauss, como para Nietzsche, o que é verdadeiro do conhecimento científico é igualmente verdade do conhecimento filosófico. Como Nietzsche, Strauss nos obriga a pensar o impensável. Ele nos obriga a questionar a bondade da verdade e do conhecimento para a humanidade. O niilismo, não entendido como a indiferença para com todos os valores, mas como a visão sobre a falta de fundamento de direito, da justiça e da moralidade, é uma “verdade mortal”²⁶.

86

Deste modo, na visão de Strauss, mesmo que o perspectivismo nietzschiano, como foi já abordado aqui, mostre que não há verdades de caráter moral ou racional, além das interpretações humanas, é fato que essas verdades oriundas de tais interpretações precisam ser mantidas como garantia da vida. Portanto, a moralidade e os valores são modos de avaliar as coisas e atribuir sentido a elas; porém para além de todas as verdades humanas, há uma verdade inumana. Neste contexto, para Strauss, o perspectivismo de Nietzsche diz respeito

²⁵ JGB/BM (Trad. Mário Ferreira dos Santos), p. 12.

²⁶ “Strauss’s fundamental insight into the ‘crisis’ of modernity is Nietzschean. Like Nietzsche, Strauss traces the ills of modernity to its unquenchable quest for truth - its immoderate, excessive and suicidal devotion to knowledge. Scientific knowledge, for example, threatens us with extinction; yet we are convinced that only more knowledge can save us. For Strauss, as for Nietzsche, what is true of scientific knowledge is equally true of philosophical knowledge. Like Nietzsche, Strauss forces us to think the unthinkable. He forces us to question the goodness of truth and knowledge for mankind. Nihilism, understood not as the indifference to all values, but as the insight into the groundlessness of law, justice and morality, is a ‘deadly truth’”. DRURY, S. *The Political Ideas of Leo Strauss*. Updated Edition. Lexington: Palgrave Macmillan, 2005 p. 177.

essencialmente ao âmbito das valorações humanas, i. e., ao âmbito das formas históricas por meio das quais o homem constrói o mundo da moral e confere significado à realidade. No entanto, ainda sob a ótica straussiana, o pensamento de Nietzsche apontaria para uma verdade trágica e terrível que o homem comum por sua vez não suportaria. Ainda neste mesmo contexto, esta verdade está situada para além do casulo da moralidade e que teria a ver com o aspecto cruel, totalmente absurdo e irracional. Daí o tamanho perigo desta verdade, e o fato de que na visão de Nietzsche só o filósofo ou o super-homem poderia lidar com tal verdade, como o próprio Strauss explicita nesta passagem:

A verdade não é atraente, amável, dadivosa, mas mortal, como é demonstrado pelas verdadeiras doutrinas da soberania do devir, da fluidez de todos os conceitos, tipos e espécies, e da falta de qualquer diferença básica entre o homem e a fera (Werke, ed Schlechta, I 272); mostra-se mais simplesmente a verdadeira doutrina de que Deus está morto. O mundo em si, a “coisa em si”, “natureza” (APH. 9) é totalmente caótica e sem sentido. Por isso todo o sentido, toda a ordem se origina no homem, em atos criativos do homem, em sua vontade de poder²⁷.

Na passagem a seguir, percebe-se de forma clara que Nietzsche tenta mostrar a necessidade de proteger o homem diante da realidade nefasta da existência.

87

A Falsidade de um juízo não pode servir-nos de objeção contra o mesmo: talvez nossas palavras soem estranhamente. A questão é saber quanto ajuda tal juízo para favorecer e conservar a vida, a espécie e tudo quanto é necessário à sua evolução. Estamos fundamentalmente, inclinados a sustentar que os juízos mais falsos (aos quais pertencem os juízos sintéticos a priori) são para nós os mais indispensáveis e que não concedendo valor às ficções lógicas, não medindo a realidade com a regra puramente fictícia do mundo absoluto e imutável, não falseando constantemente o mundo mediante o número, não poderia viver o homem; finalmente, renunciar aos juízos falsos seria o mesmo que renunciará vida, renegar a vida.²⁸

Por ser assim, Nietzsche tenta de várias formas mostrar a necessidade humana das leis: de fato, para ele, o homem é absolutamente carente de freios e amarras e é, por sua vez, a existência desses artifícios morais que tornam a vida possível. Nesse contexto, o que Leo Strauss chama atenção é para a proximidade entre os pensamentos Nietzsche e Platão. Na

²⁷ “The truth is not attractive, lovable, life-giving, but deadly, as is shown by the true doctrines of the sovereignty of Becoming, of the fluidity of all concepts, types and species, and of the lack of any cardinal difference between man and beast (Werke, ed Schlechta, I 272); it is shown most simply by the true doctrine that God is dead. The world in itself, the “thing-in-itself,” “nature” (aph. 9) is wholly chaotic and meaningless. Hence all meaning, all order originates in man, in man's creative acts, in his will to power”. STRAUSS, Leo. Notes on the plan Nietzsche's *Beyond the good and Evil*, p. 177.

²⁸ JGB/BM (Trad. Mário Ferreira dos Santos). p. 14.

ótica de Strauss, chamar Nietzsche de anti-platônico seria no mínimo exagerado,²⁹ pois, conforme observa Drury³⁰, para Strauss, Nietzsche estaria buscando recuperar o esoterismo³¹ característico do pensamento antigo; deste modo, a filosofia de Nietzsche seria, nesse caso, uma tentativa de superação da modernidade.

Em suma, o que Strauss vê em Nietzsche é a descoberta da maior verdade, “da verdade de todas as verdades”, de que o perspectivismo nietzschiano é inegável e flagrante. No entanto, o homem necessita de uma atmosfera protetora que só a moral resultante das verdades criadas pelo pensamento pode propiciar, salvaguardando a vida e realizando a “vontade de poder”, o que para Nietzsche é o que há de demasiadamente humano.

Referências

ANSELL PEARSON, K. *Nietzsche como pensador político: uma introdução*, Tradução de Mauro Gama/Claudia Martinelli, Consultoria de Fernando Salis, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1997.

BALDWIN, Christopher. “Thinking Nietzsche Through and Strauss’s Recovery of Classical Political Philosophy”. *Klesis – Revue philosophique* – 2011: 19 – *Autour de Leo Strauss*, pp. 142-155.

BLOOM, A. “Leo Strauss: September 20, 1889 – October 18, 1973”. *Political Theory* v. 2, no. 4 (1974), p. 372-392.

DRURY, S. *The Political Ideas of Leo Strauss*. Updated Edition. Lexington: Palgrave Macmillan, 2005 (1987)

GOYARD-FABRE, S. *Nietzsche et la question politique*. Paris: Sirey, 1977.

LAMPERT, Laurence, *Leo Strauss and Nietzsche*, Chicago, Chicago University Press, 1996

MARTON, Scarlett. *Extravagâncias – ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial e Editora UNIJUÍ, 2000.

²⁹ De fato, na visão de Nietzsche; “o Estado ideal de Platão é de uma sabedoria singular”, não obstante, a visão demasiado historicista da maioria dos eruditos modernos não teria conseguido captar a magnitude deste precioso fruto da antiguidade. Conferir o que Nietzsche diz em: NIETZSCHE, F. *Escritos sobre política*. pp. 128-129.

³⁰ DRURY, S. *The Political Ideas of Leo Strauss*, p. 175.

³¹ Sobre isso, ver o que Nietzsche diz na seção 30 de *Além do Bem e do Mal*.

_____. A Morte de Deus e a Transvaloração dos Valores. *Hypnoe*, Ano 4/ N° 5 - 2° Semestre 1999 - São Paulo / pp. 133 – 143.

_____. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

_____. Nietzsche e a crítica da democracia. *Dissertatio* (33) inverno de 2011 pp. 17 - 31

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*. (Org. e Trad. Fernando de Moraes Barros). São Paulo: Hedra, 2007.

_____. *Escritos sobre política / Friedrich Nietzsche*; organização, tradução, apresentação e notas Noéli Correia de Melo Sobrinho. – Rio de Janeiro: Ed. Puc – Rio; São Paulo: Loyola, 2007.

_____. *A Gaia Ciência*. Editora; tradução de Paulo César de Souza, São Paulo, Companhia das Letras, 2001

_____. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro* – Trad. Mário Ferreira dos Santos. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 (Coleção Textos Filosóficos).

_____. *Humano, Demasiado Humano*. Tradução de Paulo César de Souza, São Paulo, Editora; Companhia das Letras 2008

_____. *O Nascimento da Tragédia – ou Helenismo e Pessimismo*. Trad.: J. Guinsburg, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

SAMPAIO, Evaldo, Nietzsche é um Antimetafísico? *Dissertatio*, [38, 2013] 79 -95.

SHARPE, Matthew and TOWNSEND, Daniel, Introduction: the Strauss Controversy, Leo Strauss, and Nietzsche. Woodward, Ashley (org), *Interpreting Nietzsche: reception and influence*, New York, USA Continuum 2011 pp 131 -148.

STRAUSS, L. *Natural Right and History*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971(1953). Tradução portuguesa de Miguel Morgado: *Direito natural e história*. Lisboa: Edições 70, 2009. Tradução para o português Brasileiro de Bruno Costa Simões: *Direito Natural e História*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

_____. *Liberalism Ancient and Modern / Leo Strauss*; foreword by Allan Bloom. University of Chicago Press Edition 1995.

_____. *Persecution and The Art of Writing*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988 (1952)

_____. *Studies in Platonic Political Philosophy*. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.

Elvis de Oliveira Mendes
UNIBRA
elvis.oliver@live.com
Recife, PE